

A SUBJETIVIDADE E A BUSCA PELA FELICIDADE NO PENSAMENTO DE BLAISE PASCAL

JeanVargas¹

RESUMO: Considerando as ideias de tédio, *divertissement*, esquecimento de si e amor-próprio, este texto pretende mostrar em que medida a busca do eu pela felicidade aponta para um problema de fundo, qual seja o do eu diante de seu criador. Argumenta-se aqui que a condição humana, tal como Pascal a entende, é crucial para se pensar a questão da subjetividade humana. Nesse sentido, o objetivo do texto é destacar as tensões entre o tédio e a subjetividade.

Palavras-chave: felicidade, subjetividade, tédio

ABSTRACT: Considering the concepts of boredom, *divertissement*, self forgetfulness and self-love, this text intends to show how the search of the self for happiness leads to a fundamental problem, that of the self in front of its creator. It is argued here that the human condition, as Pascal understands it, is crucial to thinking about the question of human subjectivity. Thus, the purpose of the text is highlight the tensions between boredom and subjectivity.

Keywords: happiness, subjectivity, boredom

Introdução

O problema da subjetividade se coloca, para Blaise Pascal (1623-1662), sob o registro relacional entre o eu e Deus. A questão fundamental parece ser expressa da seguinte maneira: como o eu pode ser diante de Deus? Dito de outro modo, em que medida este eu pode se colocar, haja vista o horizonte de alteridade relacional com o criador?

Como se sabe, Pascal nos deixou, em sua obra principal denominada *Pensamentos*, tão somente reflexões avulsas, com um estilo fragmentário e assistemático

¹ Doutorando no curso de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG. E-mail de contato: jean_sv07@hotmail.com.

de escrita filosófica. O que significa que está a cargo de seus intérpretes o ônus de articular minimamente as reflexões soltas, afim de que elas soem como um todo coeso.²

É evidente que esta tarefa pode ser malsucedida, de modo que trair as intenções do autor é sempre uma preocupação latente. Todavia, a partir da reflexão pascalina é permitido ao leitor um certo protagonismo, pois o modo como os pensamentos são articulados podem oferecer respostas mais ou menos elaboradas.

É diante deste cenário que este artigo se presta, não apenas a vincular os pensamentos soltos do autor, propiciando uma certa simetria à reflexão pascalina, como pretende também tensionar a relação entre os pressupostos sobre a subjetividade (implícitos e explícitos na obra do pensador francês), com o olhar antropológico sobre o problema da condição humana. Para tanto, o texto é dividido em três momentos, quais sejam: 1) O diagnóstico sobre a condição humana em Pascal, 2) a subjetividade e o problema da busca pela felicidade e 3) o esquecimento de si, o tédio e o *divertissement*.

Primeiro momento: O diagnóstico sobre a condição humana em Pascal

A ideia de que o ser humano possui uma natureza trágica transita ao longo de toda a reflexão pascalina³. Em certo sentido, a noção de natureza humana em nosso autor pode ser rastreada até Santo Agostinho, passando por Tomás de Aquino e mesmo pelo Jansenismo⁴. O lastro que explicita a natureza humana é a narrativa da queda e não uma metafísica de elucubração filosófica.

Esta narrativa da queda não se presta a provar, todavia, a razoabilidade da perspectiva cristã de Pascal, isto é, não se pretende derivar daí um conjunto de provas robustas sobre o cristianismo. A narrativa da queda se configura como o pilar pelo qual se ergue todo o edifício argumentativo do filósofo francês. Mas, se por um lado, a narrativa da queda não se presta a provar, no sentido forte, os pressupostos da antropologia cristã, por outro lado, ela é imprescindível a uma apologia do cristianismo, na medida em que a situação humana é de forma tal que seria mais misteriosa sem este mistério. Nesse sentido, a narrativa da queda tratar-se-ia da melhor chave explicativa para acessar a condição humana.

² Com esta observação, não pretendo pressupor que este tipo de literatura assistemática seja por si só, insuficiente ou pouco interessante. O que pretendi destacar é que, se o interprete aspirar um todo coeso, então cabe a ele o ônus de juntar as peças do quebra-cabeça, pois o autor prescinde da tarefa de fazê-lo.

³ GOLDMAN apud BIRCHAL, *A marca do vazio: reflexões sobre a subjetividade em Blaise Pascal*, p. 51

⁴ Ver OLIVA, *Antecedentes filosóficos e teológicos do conceito pascaliano de natureza humana*, pp. 367-408.

Mas que condição seria esta? A condição humana fundamental é marcada pela concupiscência enquanto princípio de todos os movimentos humanos.⁵ A condição humana, tal qual aparece nos *Pensamentos*, coloca o ser humano diante de Deus, a quem todo amor é devido. Assim, a natureza humana está radicalmente, ainda que não completamente, corrompida em função do pecado original. Isto implica em dizer que embora a criação de Deus seja melhor do que efetivamente se apresenta, só conhecemos, de fato, sua versão decaída. Não obstante este quadro pessimista, algumas características da condição original são preservadas, como, por exemplo, a possibilidade de acesso ao conhecimento. Não se trata do conhecimento no mais eminente sentido, entretanto conhecer ainda é um resquício de um atributo comunicável de Deus. Ou seja, dada a atual condição, é vedada ao homem a capacidade de conhecimento pleno. Mas o fato de ainda poder conhecer algo, o remete a uma qualidade de sua natureza originária, que é, por isso mesmo, pré-queda. Trata-se de uma natureza originária, portanto, que de certo modo, ainda subjaz.

Ora, neste sentido, o tema do amor-próprio⁶ é significativo para se compreender o problema da subjetividade em Pascal. O amor de si permite ao ser humano centralizar suas ações e buscar atender às demandas do seu eu. De acordo com o próprio filósofo: “numa palavra, o eu tem duas qualidades: é injusto em si, fazendo-se centro de tudo; é incômodo aos outros, querendo sujeitá-los, pois cada eu é o inimigo e desejaria ser o tirano de todos os outros”⁷.

É como se o eu fosse, por assim dizer, um “buraco negro” insaciável que não quer saber a verdade sobre si. Por isso muitos se prestam a criar um eu imaginário, pois estão excessivamente preocupados com a imagem pública de si.⁸ Assim, seria preferível às pessoas comuns melhorarem e reforçarem sua imagem pública, a ponto de optarem por morrer do que efetivamente pensar a si mesmas.

O amor-próprio, este excessivo de si, é reduzido a uma modalidade de concupiscência, o que permite a Pascal denunciar os mecanismos que, por meio do nosso eu imaginário,⁹ acaba por abrir as portas para escamotear a própria subjetividade. De acordo com Pascal, conforme observa Luís Oliva: “o amor-próprio desmedido (devido ao

⁵ ARMOGATHE, *Pascal e o amor-próprio*, p. 232.

⁶ O tema do amor-próprio é bastante relevante para Pascal, contudo não se trata de um tema exclusivamente cristão. Na ética nicomaquéia Aristóteles já abordava esta temática.

⁷ PASCAL apud OLIVA, *Antecedentes filosóficos e teológicos do conceito pascaliano de natureza humana*, p. 399.

⁸ PASCAL, *Diversão e tédio*, Fr. 978.

⁹ IDEM, Fr. 806.

deslocamento do centro para a concupiscência, o transitório) fez que o homem mentisse, se mascarasse e se revestisse de qualidades ilusórias para obter poder e estima”.¹⁰

Por isso, a relação vertical do homem com Deus, mais do que a relação horizontal do eu com os outros eus, precisa ser retomada. Conforme notou Gouhier “trata-se da relação do eu com Deus e não do eu com outros eus. Todavia, quando o eu se faz “centro de tudo”, faz também girar em torno de si todos os outros eus”.¹¹ Graças à concupiscência presente na natureza humana desde a queda, o amor deixa de ser endereçado exclusivamente ao criador e passa a lidar com a concorrência do amor-próprio, cuja tendência é colocar seus próprios interesses como o centro de suas ações e, ao fazê-lo, acaba por travar uma relação de controle e imposições quando diante do outro.

Os problemas denunciados por Pascal decorrentes do ato do amor de si, levam ao tema do eu odioso. Este eu que pretende ser o centro da subjetividade precisa ser aniquilado, ou ainda, reduzido a nada diante de Deus, este outro Absoluto. A ideia de odiar a si mesmo não é um exagero, pois trata-se de uma expressão literal. Gouhier coloca nesses termos:

não basta “não amar a si mesmo”, como recomenda o autor da *Imitação*. O “ódio de si” não é uma hipérbole; a expressão deve ser tomada literalmente: ela evoca a um só tempo o sentimento e o dever que resultam o amor de Deus.¹²

Deve-se odiar o eu porque este, imerso na concupiscência, pretende rivalizar e, em última análise, procura reivindicar um lugar que é exclusivo de Deus. O amor de si é abusivo, mas não basta tão somente impor limites a ele. O ato da conversão precisa corrigir algo distorcido na natureza humana. O centro da subjetividade não pode ser outro senão o próprio Deus. Daí a necessidade de odiar a si mesmo, na medida em que a subjetividade corrompida por sua natureza pecaminosa quer ocupar a posição que originalmente pertence exclusivamente a Deus.

Nosso autor só pode adentrar na reflexão sobre o eu que precisa ser odiado porque parte dos pressupostos acerca da condição humana. Trata-se, como mostramos, de uma condição que já não é mais a original, mas que, todavia, não deixou de ser completamente. Já não é mais a mesma, mas ainda não deixou de ter resquícios da marca de Deus. Desse modo, temos aqui uma tensão antropológica entre o já e o ainda não, o

¹⁰ OLIVA, *Antecedentes filosóficos e teológicos do conceito pascaliano de natureza humana*, p. 400.

¹¹ GOUHIER. *Blaise Pascal: conversão e apologética*, p. 82.

¹² IDEM, pp. 77-78.

que torna o cenário cômodo para que Pascal possa diagnosticar o homem como aquele entre a grandeza e a miséria. Desse modo, podemos verificar em que medida o problema do tédio e o divertimento corroboram para evitar que o homem retome a relação extraviada com o seu criador.

Segundo momento: A subjetividade e o problema da busca pela felicidade

Ao tratar da questão da subjetividade, é atribuído a Pascal a substantivação do eu na modernidade¹³. Isto significa dizer que foi o autor dos *Pensamentos* quem, em suas interlocuções com seus antecessores, mais notadamente Agostinho, Montaigne e Descartes, nos conduziu à reflexão sobre a subjetividade enquanto um ente substantivo.

Embora Pascal fale de algo como “o eu”, daí não se segue, entretanto, que ele tenha predicados exaustivos para propor-nos uma definição da subjetividade. Muito pelo contrário. Se tomarmos o trecho mais frequentado pelos estudiosos para tratar o problema do sujeito em nosso autor, verificamos o cuidado que Pascal tem antes de formular definições positivas sobre o eu:

o que é o eu?

Um homem que se põe na janela para ver as pessoas que passam; se passo por ali, posso dizer que ele se pôs na janela para me ver? Não, porque ele não está pensando em mim particularmente; mas quem ama alguém por causa de sua beleza, ama mesmo? Não, porque as bexigas, que matarão a beleza sem matar a pessoa, farão com que ele não a ame mais.

E se me amam pelo meu juízo, por minha própria memória, amam me mesmo? A mim? Não, pois posso perder essas qualidades sem perder-me a mim mesmo. Onde está então esse eu, se não está no corpo, nem na alma? E como amar o corpo ou a alma, senão por essas qualidades que não são o que fazem o eu, pois que são perecíveis? Porque alguém amaria a substância da alma de uma pessoa abstratamente, e algumas qualidades nela existentes? Isso não é possível, e seria injusto. Portanto nunca se ama ninguém, mas somente qualidades.

Não se zombe mais então daqueles que se fazem honrar por cargos e ofícios, pois não se ama ninguém a não ser por qualidades postiças.¹⁴

Apesar de começar com uma interrogação, Pascal não oferece definições positivas sobre o eu. O fragmento acima nos remete a uma provável interlocução com Descartes. O eu em Pascal não converge com a posição sustentada pelo pensador do

¹³ DESCOMBES, *Le parler de soi*, p. 84.

¹⁴ PASCAL, *Diversão e tédio*, Fr. 688.

Cógito, pois as qualidades postiças aqui, embora perecíveis, possuem primazia sobre a substância pensante. Como Telma Birchall observou:

Neste fragmento, que alude sem dúvidas ao **Cógito**, Pascal mostra que a redução cartesiana tem consequências impraticáveis; a seguir, numa reviravolta característica de seu pensamento, mantém a exigência de que o Eu deva ser, realmente, algo que escape ao domínio do perecível, para terminar afirmando a supremacia das qualidades sobre a substância.¹⁵

Ora, o movimento pascalino, longe de admitir ideias claras e distintas, pretende retomar a perspectiva do homem comum e da *dóxa*, onde as qualidades postiças são formadoras de opinião sobre a subjetividade alheia. O ponto de Pascal não é postular que as qualidades tomadas de empréstimo constituam o eu. Pelo contrário, esta perspectiva é problematizada. No entanto, o autor dos *Pensamentos* também parece descredenciar as articulações que pretendem propor um discurso elaborado sobre a subjetividade a partir de uma razão especulativa – e aqui a interlocução parece ser, mais uma vez, claramente com Descartes, como notou Carraud.¹⁶

Pascal não trata o eu de maneira desencarnada, aos moldes de uma experiência mental. O que se pensa ser o eu, no fim das contas, não passa de um complexo de qualidades postiças, o que nos impede de criticar o homem comum, quando este ama alguém por estas mesmas qualidades. O eu não está na alma nem no corpo, e desta perspectiva nunca se ama ninguém senão a atributos. Desenvolveremos mais este ponto adiante.

Por ora, resta notar que desse ponto de vista, o acesso à subjetividade requer, não uma razão especulativa que existe enquanto pensa, e somente enquanto pensa. A primazia do acesso à interioridade não é clara e distinta, na medida em que se dá por meio do sentimento, pois “o coração possui razões que a própria razão desconhece”. Ao introduzir o sentimento como um meio de acesso mais fidedigno à interioridade e, em segundo lugar, dado o quadro da natureza humana decaída, Pascal tem as ferramentas necessárias para nos conduzir ao elemento que o interessa de fato, qual seja, o de uma intencionalidade da subjetividade. Para Pascal, mais importante do que a pergunta pelo que significa o eu em seu sentido metafísico, é a reflexão moral que está em jogo – e aqui de novo a perspectiva dos filósofos é contraposta a do homem ordinário.

¹⁵BIRCHALL, *A marca do vazio: reflexões sobre a subjetividade em Blaise Pascal*, p. 53

¹⁶CARRAUD, *L'invention du moi*, p. 30.

O que é comum na busca de todos os homens? Pascal responde: “todos os homens procuram ser felizes (...) é o motivo de todas as ações de todos os homens, até daqueles que vão se enforçar”.¹⁷ A busca pela felicidade constitui então aquilo que, ao fim e ao cabo, todos almejam. Ora, tanto os filósofos quanto os homens comuns já notaram esta busca incessante. Pascal identifica duas opiniões que nos conduzem ao anseio humano da felicidade. A opinião 1) dos homens comuns que buscam a felicidade no movimento, nas coisas e nos objetos externos a nós e 2) a dos filósofos que criticam o homem comum, pois a felicidade última estaria tão somente no repouso.

Pascal argumenta, a partir disso, que o homem comum tem fortes razões para fazer o que faz. Entre ir para a guerra e pensar em si mesmo, o homem ordinário prefere ir para a guerra. Ele procura é a caça (o movimento) e não exatamente a presa.

Todo este movimento para fora de nós indica a nossa dificuldade de nos mantermos em repouso. As pessoas têm razões (motivos) em buscar as coisas. Mas nenhuma dessas coisas externas nos conduz à felicidade, pois ser feliz (e aí os filósofos tem razão), não está no movimento, mas sim no repouso. As pessoas passam de coisas para coisas, o que denuncia a nossa condição de incompletude.

Os filósofos, nesse sentido, acertam na teoria de que a busca dos objetos não traz felicidade. Acontece que os filósofos se equivocam ao sustentarem que o problema que leva o homem ordinário à busca incessante pelos objetos externos seja motivado por certa ignorância. Para Pascal não se trata de uma ignorância simplista como supõem os filósofos. A ignorância é de outra ordem e sequer estes grandes pensadores da história da humanidade conseguiram uma solução eficaz.

De fato, o remédio oferecido pelos filósofos é quase tão ruim quanto a própria doença. Não é o dobramento sobre si, de acordo com Pascal, que resolverá o drama humano pela busca da felicidade. Este é um paliativo falso. O homem comum faz o que faz, porque de alguma maneira sabe que a panaceia da tranquilidade da alma, da *ataraxia* e de outras tantas fórmulas de repouso, não satisfazem a condição de incompletude.¹⁸

Assim, podemos formular a questão nesses termos: ao se verificar mais detidamente sobre a razão dos efeitos, nota-se que os filósofos acertam na teoria e erram

¹⁷ PASCAL apud BIRCHAL, *Aquele que busca a Deus, o incrédulo e o honnête-homme: natureza e sobrenatureza nestes três tipos de homem*, p.339.

¹⁸ Conforme explica Maria Isabel Limongi: “como não se pode encontrar a felicidade, que está em Deus, nos objetos que deleitam à vontade, não há alternativa senão deixar-se determinar pela imaginação, imaginando que os prazeres sensíveis possam trazer a felicidade que de fato não trazem” LIMONGI, Pascal *e a ordem da concupiscência*, p. 332.

na prática, pois a felicidade, de fato não está no movimento. Já o homem comum, por sua vez, erra na teoria, mas acerta na prática, visto que viver na busca dos objetos exteriores é esperado, porquanto o repouso de se voltar para si fracassa em sua tentativa de frear a incontornável carência do humano pela felicidade. Cada uma dessas posições está parcialmente certa, mas é preciso compreender a razão dos efeitos. A busca interminável é um efeito que precisa ser explicado.

Pascal sugere, a partir disso, uma terceira posição que seria preferível às outras duas. Ao juntar a teoria dos filósofos com a prática do homem comum, chegamos ao cristianismo. Ora, é o cristianismo que revela a dupla natureza do homem. O homem é um ser miserável, decaído, pois possui um instinto secreto que nos vincula à busca incessante. Mas há outro instinto secreto que aponta para o fato de que a felicidade, como os filósofos perceberam, está no repouso. Porém não seria, como querem os filósofos, um repouso interior. Antes, seria um repouso que está fora de nós. O repouso está em Deus¹⁹ (muito embora em certo sentido Deus esteja fora e dentro de nós).

O homem é um ser contraditório com duas naturezas, quais sejam: a marca de Deus e a marca do vazio. Somente Deus completaria o nosso vazio. Nesse sentido, é preciso compreender que a vida é uma busca, que o eu só pode ser diante de Deus e que justamente o cristianismo, melhor do que a percepção dos filósofos e do homem comum, aponta para este diagnóstico. A fragilidade humana consiste em querer-se grande, mas se vê pequeno; em querer ser feliz, mas vê-se miserável.²⁰

Terceiro momento: O esquecimento de si, o tédio e o divertimento.

A proposta de Pascal, seguindo a esteira de Platão, recomenda que o homem conheça a si mesmo, ainda que esta atitude não se preste de modo imediato ao acesso à verdade. Nos termos de Pascal: “É necessário conhecer-se a si mesmo. Ainda que isso não servisse para encontrar a verdade, pelo menos serve para reger a própria vida, e nada há de mais justo”.²¹

¹⁹Segundo Luís Oliva: “o repouso só virá quando a capacidade do homem para o infinito for preenchida novamente, ou seja, quando o homem se reunir a Deus. O pecado foi uma tentativa do homem constituir-se em totalidade própria, abandonando o seu verdadeiro centro que é Deus” OLIVA, *Antecedentes filosóficos e teológicos do conceito pascaliano de natureza humana*, p. 406.

²⁰ Ver ANJOS, *BLAISE PASCAL: O DIVERTIMENTO E O CONHECIMENTO DE SI*, p. 363.

²¹PASCAL, *Diversão e tédio*, Fr. 72.

Conhecer a si mesmo implica em pensar em si, porém este ato, conforme mostra Pascal, é evitado a todo o custo, na medida em que “não podendo os homens curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para ficar felizes, não mais pensar nisso”.²² Pensar em si inviabiliza o acesso à felicidade, mesmo que se trate de uma felicidade fugaz e efêmera, pois a verdadeira felicidade, como já assinalamos, só Deus a pode conceder.

Pois bem, o ato de pensar em si mesmo desemboca na natureza precária do homem, pois se depara com sua condição miserável e frágil. Mas como os humanos insistem em tentar suprir sua carência pelos mais diversos meios que não a busca de Deus, eles acabam praticando exatamente o contrário da recomendação de autoconhecimento. Eles se engajam na empreitada de esquecer-se de si. Para obter sucesso nessa tarefa lançam mão do *divertissement*, preenchendo todo o tempo com infindáveis afazeres, tais como denuncia Pascal:

sobrecarregam os homens desde a infância com o cuidado de sua honra, dos bens, dos amigos e ainda dos bens e honra dos amigos; acumulam-nos de afazeres, de aprendizado das línguas e de exercícios e se lhes dá a entender que não conseguiriam ser felizes sem que a sua saúde, honra e fortuna, e a de seus amigos, estivessem em bom estado, e que a falta de uma única coisa dessas os tornará infelizes (...). E eis por que, depois de preparar-lhes tantos afazeres, se ainda tiverem algum tempo livre, aconselha-se que o empreguem em se divertir, e jogar, e ocupar-se sempre por inteiro. Como o coração do homem é oco e cheio de lixo.²³

O divertimento ocupa e desvia os homens de pensar naquilo que são. O divertimento funciona como um mecanismo de alienação, porquanto é a única coisa que consola o ser humano de sua miséria.

A única coisa que nos consola de nossas misérias é a diversão. E no entanto é a maior de nossas misérias. Porque é ela que nos impede principalmente de pensar em nós que nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar insensivelmente à morte.²⁴

Quando cessa a diversão resta apenas o tédio, e isso vale inclusive para os grandes homens, como o rei, por exemplo, que “... está cercado por pessoas que só pensam em diverti-lo e impedi-lo de pensar em si mesmo. Porque ele fica infeliz, embora seja rei,

²² IDEM, Fr. 133.

²³ IDEM, Fr.139.

²⁴ IDEM, Fr. 414.

se pensar em si”.²⁵ Se, por algum motivo, a diversão não ocorre, eis então, uma vez mais, o homem a sós consigo mesmo. O próximo passo é a emergência do tédio, este negrume oriundo do fundo da alma, esta tristeza, esta mágoa, este despeito, este desespero.²⁶

Temos aqui, como chama a atenção Carraud, um novo sentido de pensar em si, diferente daquele sentido cartesiano:

Pensar em si não é mais pensar no conceito de si (*res cogitans*), em Deus como seu autor e seu fim, mas em si socialmente e existencialmente, em si como rei e como homem que, não se divertindo, seca-se no tédio.²⁷

Portanto a tarefa de conhecer-se a si mesmo passa pela ideia de pensar a si. Não se trata, contudo, de abordar o problema da subjetividade aos moldes cartesianos. Pensar a si é pensar esta subjetividade no mundo da vida e sua condição existencial, qual seja, a de buscar a felicidade.

Porém pensar a si tem como apanágio a miséria humana daquele que se sabe mortal.²⁸ A busca se torna ainda mais obstinada, pois a felicidade é sempre um ideal longínquo a ser alcançado. Esta busca por ser feliz, da perspectiva do homem comum, quanto mais obstinada for, mais precisa praticar o esquecimento de si a fim de escapar a sua condição decaída. Ora, mas esquecer-se de si requer o preenchimento do tempo com as futilidades e tarefas do cotidiano. Mesmo os momentos de lazer são preenchidos com muito movimento e barulho para garantir que a proximidade com a morte seja discreta, sem se aperceber de fazê-lo, portanto.²⁹ Manter a vida ocupada permite também o afastamento da mais insuportável companhia: o tédio.

Entediarse é se sentir a sós consigo mesmo e lembrar da condição humana no mundo. Nesse sentido, se alguém sente tédio está prestes a pensar em si mesmo. Este repouso no tédio, porém, pode ser interrompido com a diversão. Divertir-se garante a dissipação do tédio e o retorno à situação alienante do primeiro momento. Assim, o eu evita ser diante de Deus e se empenha em ser um eu imaginário, cuja busca da felicidade se centra nos objetos externos. Esta busca, motivada pela carência humana, leva a

²⁵ IDEM, Fr. 136.

²⁶ IDEM, Fr. 622.

²⁷ CARRAUD, *Observações sobre a segunda antropologia: o pensamento como alienação*, p. 315.

²⁸ Como afirma IvonilParráz: “Conhecendo sua contingência, considerando os acasos que envolvem sua existência, o eu “que pensa” descobre-se, não como um eu sou, mas como um ser não necessário, nem eterno nem infinito. A sua própria condição no interior do tempo leva-o a descobrir sua finitude” PARRAZ, *O disfarce da força*, p.175.

²⁹PASCAL, *Diversão e tédio*, Fr. 414.

peças a um trabalho de Sísifo, visto que a subjetividade só pode acessar a completude diante do repouso em seu criador. Ou ainda, dito de outro jeito, para Pascal, o eu autêntico só pode *ser* (no mais eminente sentido do termo), se, e somente se, for um eu em relação com Deus.

Conclusão

O tema da subjetividade em Pascal aparece ao longo dos *Pensamentos* como um centro de gravidade onde muitas outras temáticas flutuam, tais como a busca pela felicidade, o divertimento e o tédio, para ficar em poucos exemplos. Pascal sabe que não está inaugurando a discussão e sabe especialmente que muito já foi dito sobre este problema.

Todavia, o legado pascalino consiste, sobretudo, em tratar o eu de maneira substantiva para pensá-lo, não tanto enquanto uma subjetividade ontológica, mas sim antropológica e moral. De fato, Agostinho já havia tratado do tema a partir deste recorte, mas não nos mesmos moldes em que coloca Pascal. Falar do divertimento enquanto mecanismo de alienação e da tentativa de evitar o tédio com o esquecimento de si, tendo como pano de fundo o problema da natureza humana, constitui o esteio pascalino do qual se pode erigir toda a sua reflexão filosófica.

Neste artigo foram precisamente estes os passos adotados para estabelecer o fio condutor de nossa discussão, qual seja, o problema da subjetividade. Procuramos mostrar que o pressuposto antropológico por detrás da reflexão de nosso autor passa também por considerações teológicas amalgamadas na tradição cristã. Reconhecer a condição humana, bem como o que se deriva a partir daí, mais notadamente a ideia de concupiscência e amor-próprio permitem ao nosso autor se mover tendo como *leitmotiv* a alteridade relacional entre o eu e Deus.

No segundo momento destacamos a temática do eu e sua condição de incompletude, o que abre o campo para a jornada humana em direção à busca pela felicidade. Ora, buscar a felicidade, conforme procuramos mostrar, tanto pela via do homem ordinário quanto pela via dos filósofos, fracassam em suas tentativas, seja porque acertam na teoria e erram na prática (os filósofos), seja porque acertam na prática, mas erram na teoria (os homens comuns). O eu só satisfaz a sua carência quando procura a felicidade no repouso. Este, entretanto, não está no interior da própria subjetividade, pois está em outra subjetividade alheia a si. Está, a saber, no próprio Deus.

Muitos são os empecilhos para se alcançar a felicidade. O primeiro passo seria conhecer-se a si mesmo, cujo desdobramento implica em pensar em si e, por conseguinte, em mergulhar no tédio. Acontece que as pessoas procuram evitar o tédio a todo custo, visto que entediá-lo parece estar na contramão de uma vida feliz. Ou seja, é contra intuitivo supor, em princípio, que o tédio seja pré-condição para o acesso à felicidade. Um grande mecanismo para evitar que o homem pense em sua condição, e não acesse o tédio, é o divertimento. Divertir-se, ou ainda, atarefar-se, tem como efeito colateral o esquecimento de si. Portanto, por meio do divertimento e do esquecimento de si o eu se aliena do seu criador e só conhece a fugacidade da vida, sem alcançar a felicidade ulterior propiciada apenas por Deus.

Tratava-se, neste artigo, portanto, de descrever os meandros e caminhos pelos quais a subjetividade humana escapa a uma condição autêntica. Esta condição só pode se dar, como chamamos atenção, em seu sentido relacional com o criador. O cenário em que nos coloca Pascal reflete sobre o problema da condição humana, ou como diria o próprio pensador francês, sobre a nossa condição de miséria, na qual nós humanos, meros “caniços” pensantes, nos deparamos:

O homem não é senão um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo; um vapor, uma gota de água basta para matá-lo. Mas, ainda que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que aquilo que o mata, pois ele sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele. O universo de nada sabe.

Toda a nossa dignidade consiste, pois no pensamento. É daí que temos de nos elevar, e não do espaço e da duração que não conseguiríamos preencher. Trabalhem, pois, para pensar bem: eis aí o princípio da moral.³⁰

Referências bibliográficas:

ANJOS, Anderson A. dos. Blaise Pascal: O divertimento e o conhecimento de si. V Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar 2009. Disponível em <http://www.ufscar.br/~semppgfil/wp-content/uploads/2012/05/Anderson-Augusto-dos-Anjos-Blaise-Pascal-o-divertimento-e-o-conhecimento-de-si.pdf>. Acesso em 24/02/17.

³⁰ IDEM, Fr. 200.

ARMOGATHE, Jean-Robert. Pascal e o amor-próprio. *Kriterion: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: UFMG, 47, n 114 pp.223-236, jul. 2006.

BIRCHAL, Telma. A marca do vazio: reflexões sobre a subjetividade em Blaise Pascal. *Kriterion: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: UFMG, v. 88, pp. 50-69, 1993.

_____. Aquele que busca a Deus, o incrédulo e o honnête-homme: natureza e sobrenatureza nestes três tipos de homem. *Kriterion: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: UFMG, v.47, n.114, pp.335-346, jul. 2006

CARRAUD, Vincent. *L'invention du moi*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010. 323 p. (Collection de métaphysique, Chaire Étienne Gilson)

_____. Observações sobre a segunda antropologia: o pensamento como alienação. *Kriterion: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: UFMG, v.47, n.114, pp.303-320, jul. 2006.

DESCOMBES, Vincent. *Le parler de soi*. Paris: Gallimard, 2014.

GOUHIER, Henri Gaston. *Blaise Pascal: conversão e apologética*. São Paulo: Paulus, 2005. 347p

LIMONGI, Maria Isabel. Pascal e a ordem da concupiscência. *Kriterion: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: UFMG, v.47, n.114, pp.321-334, jul. 2006.

OLIVA, Luís César Guimarães. Antecedentes filosóficos e teológicos do conceito pascaliano de natureza humana. *Kriterion: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: UFMG, v.47, n.114, pp.367-408, jul. 2006.

PARRAZ, Ivonil. O disfarce da força. *Kriterion: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: UFMG, v.47, n.114, pp.259-271, jul. 2006.

PASCAL, Blaise; CAMEROTTI, Gabriela (org.). *Diversão e tédio*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011. 79 p.

PASCAL, Blaise; Trad. MILLIET, Sergio. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, c1973. 280p.